

Problemas da Humanidade - Soluções para o Mundo

2ª parte

Na segunda parte das nossas reflexões sobre os principais problemas que a humanidade enfrenta, focamo-nos nas questões da Unidade Internacional, Capital, Trabalho e Emprego, e Minorias. Todos estes problemas foram intensificados pelas condições globais extraordinárias criadas pela pandemia. As nações têm lutado para coordenar as suas respostas mutuamente, mesmo no seio de grupos supranacionais como a União Europeia; o mundo laboral assistiu a uma grande mudança em relação ao teletrabalho em alguns campos, enquanto outras indústrias praticamente suspenderam a atividade; e a questão da migração, já tão inflamada, tornou-se ainda mais polémica num mundo de fronteiras fechadas. Portanto, este é, em certo sentido, o momento perfeito para que se concentre em soluções criativas para essas questões, que já foram propostas no passado, e em soluções inovadoras que estão a surgir agora em resposta a esta crise global.

Estas três áreas problemáticas estão particularmente relacionadas com a estreita interação entre política e economia. A Humanidade continua a lutar contra o facto de que o uso incorrecto do poder político pode alimentar-se da expressão de ganância criando um ciclo de reforço mútuo. Podemos dizer que a política "ficou refém" da economia, passando a riqueza material de uma nação a ser vista como um indicador da sua prosperidade. Mas será realmente assim? Tem havido uma série de propostas alternativas para medir o bem-estar ou a felicidade de uma nação, incluindo o Índice de Desenvolvimento Humano do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (bit.ly/humdev-index), o Índice Nacional de Bem-Estar Global (bit.ly/globnat-index) e o Good Country Index (goodcountry.org). O que muitas vezes distingue estas medidas de medidas "objetivas", como o Produto Interno Bruto, é que geralmente incluem uma ou mais dimensões "subjetivas", que procuram destacar várias qualidades de consciência. E simplesmente por direcionarem a nossa atenção para a importância fundamental de princípios tão amplos e incomensuráveis como "felicidade" ou "o bem comum", eles ajudam a desviar a mente da obsessão de reduzir tudo a números. Como todas as medidas socioeconómicas, serão apenas estimativas aproximadas, mas ajudam-nos a começar a pensar numa direção melhor e a questionar as prioridades do *status quo*.

Outra tentativa recente de nos concentrarmos nos princípios gerais de criação de uma sociedade melhor é a *Wellbeing Economy Alliance*, WEAll, (wellbeingeconomy.org), que é uma "colaboração global de organizações, alianças, movimentos e indivíduos que trabalham juntos para transformar o sistema económico tornando-o capaz de proporcionar bem-estar humano e ecológico." Eles observam que a "transformação necessária exige uma forma totalmente diferente de ser dentro da sociedade humana: uma mudança de 'nós contra eles' para 'NÓS Todos'." Esta ênfase na coesão social e no espírito comunitário é particularmente significativa nesta época, quando há um reconhecimento geral de que a política e a economia atuais não estão a lidar bem com a pandemia, como o meme ou slogan "Construir Melhor" implicitamente reconhece. Uma iniciativa da WEAll é

a parceria Wellbeing Economy Governments, WEGo, uma colaboração entre governos nacionais e regionais que atualmente inclui a Escócia, a Nova Zelândia, a Islândia e o País de Gales. Os membros WEGo comprometem-se a:

Colaborar na procura de abordagens políticas inovadoras para criar economias de bem-estar - partilhando o que funciona e o que não funciona, auxiliando a formulação de políticas para a mudança;

Progredir em direção aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, em linha com o Objetivo 17, fomentando a parceria e a cooperação para identificar abordagens que proporcionem bem-estar;

Abordar os desafios económicos, sociais e ambientais mais prementes do nosso tempo.

Os problemas que a Humanidade enfrenta agora, e continuará a enfrentar nas próximas décadas, precisarão de iniciativas como a WEAll, que reconhece o papel essencial da cooperação ultrapassando fronteiras e ideologias, e a necessidade de partilhar ideias e métodos. Perceber a unidade da alma subjacente em todos os seres, no contexto de uma ampla diversidade de desafios físicos, é um processo para o qual todos nós podemos contribuir, onde quer que estejamos. Seja vinculando-nos a iniciativas da sociedade civil, ou simplesmente partilhando com amigos, familiares e vizinhos, todos nós podemos fazer uma diferença para melhor na mudança de trajetória da evolução. O Curso de Estudo de Problemas da Humanidade existe para auxiliar neste processo. §

Unidade Mundial

Talvez o ideal mais elevado da Humanidade seja o de Unidade Mundial, em que todas as pessoas, independentemente da nacionalidade, raça, religião e ideologia, não se unifiquem pela sua idiossincrasia, mas pelo seu compromisso com uma cultura de boa vontade que não tem fronteiras e que permeia a diversidade de humanidade. A semente deste idealismo remonta há 2.000 anos, no início da Era de Peixes, quando Cristo demonstrou o potencial espiritual do ser humano para “construir uma ponte entre os céus e a terra” e expressar amor e boa vontade para com todos. A tónica da mensagem do Evangelho cristão “Deus é amor” hoje estende-se além dos limites da doutrina religiosa e procura transformar todos os aspetos da vida e da sociedade humanas.

Embora a Humanidade de hoje pareça estar no limiar de um futuro em que o ideal de Unidade Mundial está ao nosso alcance, os obstáculos dentro da psique a este ideal estão também a surgir. Desejos do futuro, mas presos ao passado, pode facilmente parecer que estamos enredados num conflito. No entanto, este conflito é o resultado inevitável da aspiração crescente da Humanidade por mais luz, amor e unidade, o que por si só é um sinal de progresso.

A atual tensão mundial desaparecerá quando a Humanidade aprender a renunciar ao antigo e a abraçar o novo. As ideologias do passado glorificam o individualismo em detrimento da unidade, geram separação e impedem o nascimento de uma cultura de boa vontade na Terra. O idealismo futuro reconhece a responsabilidade do indivíduo para com o todo, é baseado na boa vontade e, portanto, resultará na Unidade Mundial, uma vez ancorado no pensamento e na consciência humanas.

Este idealismo é apropriadamente descrito como espiritual, não por causa da sua relação com o pensamento religioso, mas porque relaciona o Espírito com a sua expressão - “ser humano com ser humano e ser humano com Deus”. Relaciona todas as partes entre si e, portanto, num todo unificado. Elimina tudo o que perpetua a separação e cultiva tudo o que incentiva o relacionamento correto. Procura a expressão plena da consciência humana - a luz, amor e poder plenos de uma Humanidade unificada que, na sua unidade, se torna um veículo para que surjam energias únicas e se expressem no planeta.

O uso inapropriado do poder do pensamento é amplamente responsável pelo perpetuar da desunião. O truismo “a energia segue o pensamento” é demonstrado pelo efeito que o crescimento e o declínio das ideologias têm na civilização humana. Os líderes, responsáveis por defenderem ideologias, usam o poder da palavra para direcionar o pensamento das massas para o bem ou para o mal. Quando a Humanidade pensa em termos de “eu versus o outro”, é criada uma cultura de divisão. À medida que a Humanidade aprende a pensar em termos do coletivo, de boa vontade e da unidade subjacente da criação, a cultura humana também é moldada.

Com o pensamento correto, as barreiras materiais para a unidade, aparentemente tão intransponíveis, começam a ceder. As ideias que já vitalizaram estas formas deixam de estar presentes e, assim, a estrutura material das antigas torna-se desvitalizada e desmorona. Este fenómeno foi demonstrado na queda do muro de Berlim, que simbolizou o colapso da divisão ideológica que permeava o mundo desde o fim da Guerra Mundial.

A capacidade de pensar para criar mudanças não pode ser entendida inteiramente à parte da realidade material. O mundo do pensamento não existe no vácuo e está inter-relacionado com os mundos material e espiritual. Esta relação entre pensamento e forma é exemplificada no estado-nação, que é tanto uma ideia como uma instituição. O estado-nação foi definido como uma “comunidade imaginada” (1): por outras palavras, o que faz uma nação é o facto de uma população pensar em si como um só. Esta forma-de-pensamento poderosa grupal determina a força e a qualidade da existência de uma nação. O pensamento esotérico vê esta forma-de-pensamento grupal também como o veículo para a manifestação de certas potências, ou seja, a alma da nação. No entanto, a forma material do estado-nação, as instituições de governação também afetam profundamente o inter-relacionamento global. A boa governação facilita a ordem, faz cumprir as leis, oferece segurança, regula a troca de bens, protege as liberdades, protege os recursos básicos, salvaguarda os direitos humanos e faz justiça. A má governação leva a estados falidos, à anarquia, ao caos e à violência.

Atualmente, as instituições de governação, tanto as nacionais, como as internacionais, estão longe de ser perfeitas, mas oferecem uma base mais do que adequada sobre a qual se pode construir um mundo cooperativo e integrado. O problema, assim, não é de capacidade institucional, mas de relacionamento internacional. Falar de relações internacionais corretas é falar das prioridades dos governos estarem alinhadas com os valores de boa vontade e amor pelo todo - os mesmos valores que permitem que os seres humanos individuais tenham relações corretas com os outros, com a sua nação e com o mundo. Há, no entanto, uma variedade de obstáculos à transposição destas qualidades para o nível nacional - a maioria encontrando algum tipo de expressão no interesse nacional do país.

O interesse nacional é o princípio orientador fundamental da política externa de qualquer nação e tem geralmente três componentes: segurança, prosperidade e valores. O sistema internacional, desprovido de uma força policial supranacional, é um sistema em que os Estados devem garantir a sua própria segurança, através de meios variados. Atualmente, as forças militares permanentes ainda são consideradas pela maioria dos países como uma parte necessária de um governo responsável.

O problema da segurança deve ser entendido como subjetivo - perguntamos raramente: qual é o nível de segurança adequado? Quando as ameaças percebidas são exageradas, dão força ao medo e criam uma cultura caracterizada por relacionamentos controversos. Isto impede a criação de uma cultura internacional que ajudaria a criar a segurança necessária para uma verdadeira Unidade Mundial.

A prosperidade, embora seja uma meta claramente importante para o estado e para o seu povo, não tem de ser em prejuízo dos outros, embora frequentemente o seja. Os críticos do nosso sistema económico atual argumentam que ela incentiva a competição e recompensa a ganância. Os seus defensores argumentam que o sistema é sólido e a ganância é mais um problema humano do que sistémico. Outros acreditam que existe algum grau de causalidade circular, com a ganância humana a perpetuar a ganância sistémica e vice-versa.

O sistema económico dominante da atualidade, amplamente definido como capitalismo neoliberal, conseguiu aumentar a riqueza e a prosperidade e tirou milhões da pobreza para uma vida digna. Num mundo povoado por agentes de boa vontade, este sistema veria a riqueza mundial distribuída por toda a humanidade, eliminando totalmente a pobreza, a fome e a falta de habitação. Afinal, partilhar é natural quando se tem o suficiente para atender às necessidades básicas. Em vez disso, o egocentrismo e o amor ao poder causaram a acumulação de riquezas, tornando-os uma ferramenta de egoísmo e até mesmo de escravidão.

Definir o interesse nacional em termos dos valores que a nação defende oferece uma oportunidade para a alma dessa nação se expressar através dos seus relacionamentos com os outros. Na medida em que os valores de uma nação refletem as qualidades da alma -

amor, sabedoria, propósito e sacrifício - então a nação é capaz de se tornar um mediador e um unificador, colocando-se a si mesma e aos outros em relacionamentos caracterizados pela boa vontade.

Claramente, a Unidade Mundial requer que o pensamento, ação e vontade da humanidade sejam corretamente direcionados para este objetivo. Isto significa eliminar os obstáculos do passado e construir as formas através das quais se expressam os ideais do futuro. Mais importante ainda, requer a construção de relacionamentos; é por meio de uma abordagem unificada que o ideal de Unidade Mundial pode ser trabalhado no seio das imperfeições do

§

mundo manifestado.

1. *Benedict Arnold. Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo.*

...ao lidar com estes problemas, devemos encontrar as condições erradas que trouxeram a humanidade ao seu estado atual de desastre quase cataclísmico.

É essencial que haja uma apresentação destas questões em termos do bem-estar espiritual da humanidade e uma interpretação mais verdadeira do significado da palavra “espiritual”. Já foi o tempo em que uma linha de demarcação podia ser traçada entre o mundo religioso e o político ou económico. As razões para a política corrupta e o planeamento ambicioso e ganancioso de muitos dos principais homens do mundo pode ser encontrada no facto de que homens e mulheres de mentalidade espiritual não assumiram - como seu dever e responsabilidade espiritual - a liderança do povo. Eles deixaram o poder em mãos erradas e permitiram que os egoístas e indesejáveis liderassem.

(Problemas da Humanidade, p.168-9)

Tecnologia e Erradicação da Pobreza

Um dos problemas que a humanidade enfrenta é o fosso existente entre ricos e pobres, um fosso que está a tornar-se cada vez mais inaceitável, não apenas para aqueles que no mundo em desenvolvimento partilham uma aspiração cada vez mais intensa por padrões de vida melhores, mas também para aqueles que no mundo desenvolvido reconhecem a natureza injusta da distribuição de recursos.

Os pobres, em sociedades economicamente 'desenvolvidas' e 'em desenvolvimento', não têm direitos iguais relativamente aos recursos económicos existentes, e é a sua falta de acesso a serviços básicos, a sua falta de direito de propriedade e controlo sobre a terra ou outras formas de propriedade, a sua falta de educação e dos meios para acederem a novas tecnologias e serviços financeiros, que os mantêm na pobreza. Às vezes, pode parecer que o único recurso que podem oferecer é a mão-de-obra e, devido à falta de aptidões, educação e muitas vezes resiliência física, têm pouco poder no mercado e, portanto, são frequentemente explorados ou ignorados.

O primeiro dos ODS (*N.T.: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*) da ONU é "erradicar a pobreza em todas as suas formas em todos os lugares" com o objetivo de erradicar a pobreza extrema até 2030. A pobreza extrema é atualmente definida como pessoas que vivem com menos de 1,25 dólares por dia. É uma meta desafiadora, pois a pobreza autoperpetua-se, podendo criar uma espiral descendente. E mesmo ter um emprego não garante uma vida decente e uma vida sem pobreza. Na verdade, 8% dos trabalhadores empregados e as suas famílias em todo o mundo viviam em pobreza extrema em 2018.

A pobreza extrema tem várias dimensões, mas as suas principais causas são o desemprego, a exclusão social e a alta vulnerabilidade de certas populações a desastres, doenças e outros fenómenos que tendem a inibir a produtividade. É um problema que a humanidade deve resolver, e não se limita à pobreza extrema, pois enquanto a riqueza geral e os padrões de vida estão a aumentar para uma minoria de pessoas em todos os países, isto está a levar a uma crescente desigualdade que mina a coesão social, aumenta tensões políticas e sociais e, em algumas circunstâncias, impulsiona a instabilidade e o conflito.

O desenvolvimento da tecnologia é uma área em que houve sucessos significativos no combate à pobreza. O progresso tecnológico está frequentemente associado ao aumento do desemprego, especialmente entre os trabalhadores não qualificados e de baixa remuneração, o que enfraquece o poder de negociação da classe trabalhadora e, portanto, pode contribuir para a pobreza. Mas, tecnologias como conectividade móvel e IA (*N.T.: Inteligência Artificial*), ambas associadas a nações mais ricas, estão agora a ser usadas com sucesso para ajudar os mais pobres do mundo. No Quénia, por exemplo, um serviço revolucionário de dinheiro móvel chamado M-Pesa está em funcionamento há mais de uma década. Numa pesquisa publicada recentemente pelo banco central do Quénia, mais de 80 por cento dos quenianos têm agora acesso a serviços financeiros - que incluem aqueles oferecidos por bancos, provedores de microfinanças e de dinheiro móvel.

É claro que ter acesso a uma conta bancária não tira ninguém da pobreza. Quando surgem problemas financeiros, mais de 60% dos quenianos ainda recorrem a empréstimos informais de amigos, familiares e agiotas, e mais de dois terços dos quenianos dizem que ainda não conseguem pagar as suas despesas diárias em cada ciclo salarial. Como muitos outros países africanos, o Quénia depende fortemente do setor agrícola, e a agricultura e a pobreza global estão intimamente ligadas. De acordo com o

Banco Mundial, 65% dos trabalhadores adultos pobres vivem da agricultura, e investir no setor agrícola é até quatro vezes mais eficaz na redução da pobreza do que outros setores económicos. O desenvolvimento agrícola é claramente uma ferramenta poderosa de redução da pobreza e, novamente, o progresso está aqui a ser feito através do uso de tecnologia.

Os empreendedores quenianos de tecnologia estão a concentrar a sua atenção neste setor importante, e o *Agrikore*, um sistema de pagamento digital que utiliza o serviço de dinheiro móvel já estabelecido, é uma via promissora de mudança. É um sistema já instalado e a funcionar na Nigéria, que liga pequenos agricultores em áreas rurais a grandes clientes comerciais. Os pequenos agricultores enfrentam três desafios principais: baixa produtividade, pouco acesso aos compradores e políticas de preço obscuras. Ao criar um catálogo detalhado do que cada agricultor cultiva, em que época e em que quantidade, pretende-se superar estes desafios. Quando os compradores comerciais da *Agrikore* fazem grandes pedidos na plataforma, o algoritmo divide a solicitação com base na capacidade e proximidade e envia mensagens de texto para agricultores individuais solicitando uma quantidade de um determinado produto, num determinado dia, a um determinado preço. Uma vez aceite a oferta pelo agricultor, o sistema aciona uma série de outras atividades, ligando o agricultor a transportadores e a inspetores de qualidade autorizados que registam as suas atividades através da plataforma e são pagos através de carteiras digitais.

A IA e a robótica estão também a ser usadas na batalha contra a pobreza. É a capacidade de pesquisa de dados da IA que está a ser usada de forma mais eficaz para identificar as regiões mais necessitadas para que o investimento possa ser direcionado de forma adequada. É também uma ferramenta eficaz para aumentar o acesso a informações sobre a produtividade das culturas. Por exemplo, nos Estados Unidos, os programas de melhoramento seletivo de colheitas garantiram que alimentos valiosos como milho e trigo sejam otimizados para crescer em áreas específicas. Ao usar a IA para entender o crescimento das plantas, incluindo detalhes minuciosos relativamente à forma como a genética e o ambiente afetam as características e a produção das plantas, os cientistas são capazes de analisar os dados de padrões não visíveis. Ao utilizar esta informação no mundo em desenvolvimento, o rendimento agrícola de culturas básicas, em particular o sorgo, pode ser melhorado. Em países como a Índia, a Nigéria e a Etiópia, esta planta tolerante à seca e ao calor é um cereal valioso com enorme potencial genético, graças às suas mais de 40.000 variedades. Tais iniciativas podem dar aos agricultores pobres as informações de que precisam para cultivar a plantação de sorgo mais nutritiva possível para o seu ambiente - com a maior rentabilidade possível.

A informação e a capacidade de acesso são a chave principal para eliminar a pobreza. Quando as pessoas têm uma ligação à *internet*, ganham acesso a informações valiosas que ajudam a orientar as decisões. A *internet* pode educar e facilitar o contacto e a comunicação. Capacita o planeamento de acordo com o clima, aceder a informações sobre colheitas e rentabilidade adequadas e monitorizar os preços dos produtos no mercado, que é um fator muito importante para os agricultores. A conectividade móvel

e as operações bancárias pela *internet* permitem que as famílias recebam dinheiro de parentes no estrangeiro, e as transações de microcrédito podem dar às pessoas uma identidade digital e financeira que as traz para a economia local. Quando as mulheres têm acesso às mesmas informações que os homens, isso dá-lhes o poder de mudar as suas vidas.

Elizabeth Mason, diretora fundadora do *Stanford Poverty & Technology Lab*, diz que a tecnologia em geral “coloca-nos numa posição melhor para resolver problemas que nunca fomos capazes de resolver”. É o acesso à informação que a tecnologia proporciona que é o grande diferencial da pobreza. Também permite o acesso do trabalho ao capital, que no passado era reservado aos ricos. É, portanto, abrir a porta para um mundo antes inacessível aos pobres. Torna-se assim evidente que, ao procurar ativamente o uso da tecnologia para superar os problemas específicos que enfrentam os pobres, a pobreza pode ser eliminada. Como Mason diz, “Se pudermos usar as ferramentas certas e

desenvolver os programas certos, estaremos a olhar para um mundo diferente.”¹⁾

1. nbcnews.to/2QcblNT

Os economistas sugerem que o trabalho é feito principalmente para acrescentar "valor", o que é medido convencionalmente pelo dinheiro. Descartando a hipótese de poder haver alguma maneira simples de traduzir 'valor' em dinheiro, talvez seja oportuno considerar quanto do trabalho coletivo da humanidade na transformação de recursos de matérias-primas em bens de consumo e serviços é verdadeiramente 'valioso', ou seja, está ao serviço de valores que enriquecem genuinamente o espírito humano. Quanto do que atualmente produzimos expressa ou proporciona boa vontade, beleza, comunidade, liberdade, partilha, confiança, compaixão ou sabedoria, e como podemos mover-nos em direção a sociedades em que o nosso trabalho promove estes valores? Pensadores visionários como Handy, Robertson e Eisenstein apontaram o caminho em direção a futuros positivos - cabe a todas as pessoas de boa vontade ajudar a preencher a lacuna entre a visão e a realidade e dignificar o trabalho com o seu papel adequado de contribuir para a evolução social e espiritual da humanidade e do planeta.

**(Extraído de *The Dignity of Labor*[¹⁾]
Goodwill in World Affairs 2019 #2**

Minorias e Monopólios de Poder

No livro *Problemas da Humanidade*, o título do capítulo relevante para este debate é “O Problema das Minorias Raciais”. Não há dúvida de que esta continua a ser uma questão muito significativa na vida humana. No entanto, desde a publicação do livro em meados do século passado, a compreensão da humanidade sobre o conceito de “minoria” tornou-se mais subtil e diversa. Reconhecemos agora e temos condições para muitos mais grupos que reivindicam uma identidade partilhada, seja com base na genética, cultura, género, história, orientação sexual ou outros fatores. Na verdade, de certo ângulo, pode-se argumentar que as mulheres constituem uma

"minoria" - não, obviamente, em termos numéricos, mas em termos de igualdade de acesso às oportunidades. A socióloga Michèle Lamont, em vez de falar de minorias, refere-se a "grupos estigmatizados" e observa que tais grupos tendem a ser prejudicados em termos de acesso a ocupações, educação, riqueza, valor e filiação cultural.

Um problema subtil ao definir minorias é que elites de todos os tipos podem apresentar-se como minorias em combate porque, na verdade, são numericamente inferiores à maioria dos outros grupos nas suas sociedades; ainda assim, retêm a maior parte da riqueza e do poder político e cultural. Portanto, a questão política das "minorias" é realmente de igualdade - de encontrar maneiras de equilibrar as reivindicações de vários grupos de forma justa, sem privilegiar nenhum grupo puramente por causa de alguma característica relativamente arbitrária, como cor da pele, género ou religião. E a questão psicológica está relacionada com a garantia de que a participação de um indivíduo em qualquer grupo não o marque como alguém menos digno de recompensa ou atenção.

Assim, o problema das Minorias diz realmente respeito a quem, numa determinada sociedade ou situação, controla a maioria do poder. Em nações democráticas, num contexto político, isto pode representar uma maioria numérica da população, embora o poder seja realmente exercido por um número muito pequeno de pessoas: geralmente políticos, juntamente com aqueles que controlam grandes corporações e um pequeno número de outras pessoas, como proprietários dos media e lobistas bem financiados. Parte da dificuldade real desta questão diz respeito a quão visíveis, transparentes e responsáveis são realmente todos aqueles a quem o poder foi confiado. Os recentes acontecimentos políticos em vários países levaram à percepção de que existe uma crise precisamente nesta área: isto é, que os mecanismos que deveriam tornar a democracia representativa, verdadeiramente representativa da vontade de toda a população não funcionam como deveriam. Quando isto acontece, a "vontade da maioria" pode ser mal utilizada para justificar a violação dos direitos das minorias de muitos tipos, sejam raciais, nacionais, geracionais ou ideológicos.

Abordar um problema tão complicado como o do equilíbrio de poder na sociedade é uma questão psicológica subtil que exige uma evolução significativa na consciência humana. Certamente é verdade que, para a maioria das pessoas, existe a tentação de tentar acumular poder. Isto pode começar naturalmente no processo de crescimento, afirmando a vontade do indivíduo a fim de obter independência do controlo dos pais ou responsáveis; mas se esse desejo comprehensível de poder sobre o nosso próprio destino se transformar no desejo de dominar os outros, então haverá perigo. E se isso for combinado com a ideia pisciana antiquada de hierarquias de autoridade fixas, quase imutáveis, isto pode produzir o desejo de dominar grupos cada vez maiores.

Compare isto com a evolução fluida e orgânica das estruturas responsáveis de Aquário - em que a vitalidade e o poder fluem para onde e quando são mais necessários para o bem de todos, e permanecem livres para serem redirecionados a qualquer momento. O aparecimento da tecnologia digital deu-nos o poder da comunicação abrangente, que

pode, se usada com sabedoria, permitir essa partilha orgânica e descentralizada de poder. Pode tornar cada identidade minoritária um foco dinâmico de potencial cultural e revelar e amplificar tudo o que é essencialmente bom e completo em cada identidade. Como exemplos, considere os três grupos: *Cultural Survival* (culturalsurvival.org), que “apoia um movimento de Povos Indígenas capacitados, organizando as suas comunidades envolver os processos internacionais, políticas nacionais e órgãos de direitos humanos para respeitarem, protegerem e cumprirem os seus direitos”; *Survival International* (survivalinternational.org), cuja visão é “um mundo em que os povos indígenas sejam respeitados como sociedades contemporâneas e os seus direitos humanos protegidos”; e *Minority Rights Group International* (minorityrights.org), cujo trabalho “oferece evidências contundentes de que a inclusão de comunidades minoritárias leva a sociedades mais fortes e coesas”.

Infelizmente, o poder da comunicação digital também pode ser mal utilizado; e um dos desafios contínuos da humanidade é a maneira pela qual a diferença pode ser intencionalmente transformada em divisão e, então, inflamada ainda mais em ódio irracional. As comunicações digitais podem agravar este problema, da mesma forma que podem ser uma força para encorajar o entendimento, o diálogo e o esforço para ver o panorama geral. O esforço para elevar a civilização exige que todos os grupos (minorias e maiorias) que desenvolvam a capacidade difícil de se erguerem acima do pântano estrangulador das emoções e da mente inferior, para apresentarem uma visão iluminada de um mundo mais elevado e melhor.

A chave para este processo é o Novo Grupo de Servidores do Mundo,* cujo trabalho foi celebrado globalmente durante a Semana do Festival de 2019 (21 a 28 de dezembro). Este grupo é constituído por todos os que estão a trabalhar globalmente para nutrir um sentido de inter-relação mútua e que não veem barreiras raciais, nacionais ou religiosas. Trabalhando em todos os campos da vida humana, da ciência através da educação e cultura, à política à religião, eles consagram a mente e o coração à construção de um novo imaginário global. E dentro deste movimento abrangente, existem pontos focais mais especializados, referidos por Alice Bailey como grupos-semente.** Especialmente relevantes para o problema das minorias são os organizadores políticos (que podem não ser eles próprios políticos eleitos, mas que estão a trabalhar neste campo de alguma forma); os Observadores Treinados, que podem ajudar a esclarecer as complexidades e penetrar nas ilusões que rodeiam uma área tão acalorada de debate; os Servidores Científicos, que podem auxiliar na compreensão da verdadeira natureza da genética e a sua relação com as diferenças humanas; e os Psicólogos, que podem fornecer informações sobre a resolução de conflitos e as diferenças sutis de consciência entre os diferentes grupos minoritários, auxiliando assim na comunicação e no entendimento mútuos. Em última análise, a educação também deve desempenhar aqui um papel, e os trabalhadores religiosos estão naturalmente envolvidos nas questões relativas às minorias religiosas.

Dentro do Sistema das Nações Unidas, dois dos órgãos mais preocupados com tal tarefa é o dos Direitos Humanos da ONU, que tem um mandato claro para proteger a igualdade

de direitos de todas as minorias, e também a UNESCO, que concentra os argumentos científicos, filosóficos e culturais para acreditar na unidade e na igualdade subjacente a todas as diversas expressões da vida humana. Além da ONU, uma ampla variedade de organizações da sociedade civil concentra-se num ou outro aspeto desta questão multifacetada.

O papel que nós, como pessoas de boa vontade, podemos desempenhar pode envolver alguma ligação com tais grupos; e, além disso, todos nós podemos contribuir para o esclarecimento do pensamento humano sobre o assunto através da nossa consideração

§

meditativa do que entendemos por problema das Minorias.

* Está disponível para descarregar um panfleto sobre o Novo Grupo de Servidores Mundiais em: bit.ly/ngwsbooklet

** Está disponível para descarregar um panfleto sobre os Dez Grupos Semente em: bit.ly/tenseedgroups

Em primeiro lugar, existe o espírito de nacionalismo com o seu sentido de soberania e os seus desejos e aspirações egoístas. Isto, no seu pior aspeto, coloca uma nação contra outra, fomenta um sentimento de superioridade nacional e leva os cidadãos de uma nação a considerarem-se e às suas instituições como superiores às de outra nação; cultiva o orgulho de raça, de história, de posses e de progresso cultural e alimenta uma arrogância, uma ostentação e um desprezo pernicioso e degenerativo de outras civilizações e culturas;

É desnecessário dizer que existe um nacionalismo ideal que é o oposto de tudo isto; existe apenas nas mentes de uns poucos iluminados em cada nação, mas ainda não é um aspeto eficaz e construtivo de qualquer nação; continua a ser um sonho, uma esperança e, acreditamos, uma intenção fixa. Tem como objetivo melhorar e aperfeiçoar o seu próprio modo de vida para que todos no mundo possam ser beneficiados. É um organismo vivo, vital e espiritual, e não uma organização material egoísta.

Em segundo lugar, existe o problema das minorias raciais. Elas apresentam um problema devido à sua relação com as nações dentro das quais ou entre as quais se encontram. É em grande parte o problema da relação do mais fraco com o mais forte, de poucos com muitos, dos subdesenvolvidos com os desenvolvidos, ou de uma fé religiosa com outra mais poderosa e controladora. É um problema importante e crítico em todas as partes do mundo atual.

()
Problemas da Humanidade p. 88-9 adaptado

A Grande Invocação

Do ponto de Luz na Mente de Deus
Que a luz afluia às mentes dos homens.
Que a Luz desça sobre a Terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus
Que o amor afluia aos corações dos homens.
Possa Cristo* regressar à Terra.

Do centro em que a Vontade de Deus é conhecida
Que o desígnio guie a fraca vontade dos homens –
O desígnio que os Mestres conhecem e servem.

Do centro a que chamamos a raça dos homens
Que o Plano de Amor e Luz se realize,
E possa selar a porta onde reside o mal.

Que Luz, Amor e Poder
restabeleçam o Plano sobre a Terra.

Versão adaptada

Do ponto de Luz na Mente de Deus
Que a luz afluia às mentes humanas.
Que a Luz desça sobre a Terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus
Que o amor afluia aos corações dos homens.

Possa Aquele que Vem* regressar à Terra.

Do Centro em que a Vontade de Deus é conhecida
Que o desígnio guie a fraca vontade dos homens –
O desígnio que os Mestres conhecem e servem.

Do centro a que nós chamamos a raça dos homens
Que o Plano de Amor e de Luz se realize
E possa selar a porta onde reside o mal.

Que Luz, Amor e Poder
restabeleçam o Plano sobre a Terra.

- * Muitas religiões acreditam num Instrutor Mundial Que está para vir (daí 'Aquele que Vem'), conhecendo-o sob nomes como Lord Maitreya, Imam Mahdi, o avatar Kalki, etc. Estas expressões são às vezes usadas em versões da Grande Invocação para pessoas de crenças específicas.

Créditos de Imagem

Faixa frontal: PHOTOCREO Michal Bednarek, Shutterstock
p.3, Peace Direct (peacedirect.org), © Ted Giffords
p.6, Trey Ratcliff – (stuckincustoms.smugmug.com)
p.8, ©ILO M Crozet
p.9, Shutterstock, ValeStock, (shutterstock.com)